



A FRONTEIRA NACIONAL E O LIVRO DIDÁTICO

Rita Dácio Falcão

Centro de Estudos Superiores de Tabatinga - Universidade do Estado do Amazonas,
ritadaciofalcão@hotmail.com

Wendell Teles de Lima

Centro de Estudos Superiores de Tabatinga - Universidade do Estado do Amazonas
wendelltelesdelima@gmail.com

Jader de Oliveira Gomes

Centro de Estudos Superiores de Tabatinga - Universidade do Estado do Amazonas
jadersofia@gmail.com

Iatiçara Oliveira da Silva

Centro de Estudos Superiores de Tabatinga - Universidade do Estado do Amazonas
iatiçara@gmail.com

Antônia Marinês Goes Alves

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – Campus Tabatinga
antonia.goes@ifam.edu.br

Karem Keyth de Oliveira Marinho

Centro de Estudos Superiores de Tabatinga - Universidade do Estado do Amazonas
karemdeoliveira@gmail.com

A fronteira nacional e o livro didático (Resumo)

A formação dos Estados Nacionais é parte integrante da Sociedade Moderna que tem como fruto social a burguesia. Foi necessário um conjunto de fatores para seu estabelecimento e aceitação de uma nova organização social estabelecida à luz do pensamento burguês, ou seja, o que estava em jogo era uma nova forma de construção do espaço geográfico, as ideologias geográficas foram estabelecidas nesse sentido, para a propagação das idéias burguesas e dos Estados Nacionais como entidades únicas de compreensão e de organização espacial foi importante à institucionalização de várias diretrizes, nessa perspectiva temos o surgimento da ciência geográfica no Século XIX, o estabelecimento de cátedras e por sua vez o aparecimento da Geografia Escolar. A fronteira aparece como elemento primordial na constituição do território nacional e sua ideologização far-se-á por elementos instituídos pela prática escolar através das práticas em sala de aula que tem como transmissor o livro didático.

Palavras-chave: Análise, Fronteira, Livros Didáticos.

La frontera nacional y el libro didáctico (resumen)

La formación de los Estados Nacionales es parte integradora de la Sociedad Moderna que tiene como fruto social la burguesía. Fue necesario un conjunto de factores para su fortalecimiento y aceptación de una nueva organización social establecida a la luz del pensamiento burgués, es decir, lo que estaba en pauta era una nueva forma de construcción del espacio geográfico, las ideologías geográficas fueron establecidas en ese sentido, para la propagación de las ideas burguesas y de los Estados Nacionales como entidades únicas de comprensión y de organización espacial fue importante la institucionalización de varias directrices, en esa perspectiva tenemos al surgimiento de la ciencia geográfica en el siglo XIX, el establecimiento de cátedras y por su vez el surgimiento de la Geografía Escolar. La frontera aparece como elemento primordial en la constitución del territorio nacional y su idealización se hará por elementos instituidos por la práctica escolar a través de las prácticas en el aula de clase que tiene como transmisor el libro didáctico.

Palabras-clave: Análisis, Frontera, Libros Didácticos.

Este trabalho tem como objetivo demonstrar a importância da análise crítica geográfica na construção da concepção de fronteira, uma leitura crítica se faz necessária desse elemento que é parte constituinte dos conteúdos de geografia do ensino fundamental, para isso empregou-se o uso de questionários e acompanhamento em sala de aula sobre os temas trabalhados e relacionados a fronteira analisando os conteúdos e formas a que são apresentadas como a concepções de professores e alunos.

A importância da análise desse elemento está em sua formação e estabelecimento como elemento constituidor das ideologias geográficas que continuam e são vigentes e transmitidas. A geografia do ensino teve no início de sua formação um forte vínculo com os ideários de construção e estabelecimento das fronteiras dos Estados-Modernos permanecendo ainda um forte esse entendimento na análise da fronteira em sala de aula, a naturalização dos fatos deve ser uma preocupação constante dos professores e de forma geral como no ensinamento desse conteúdo diante da diversidade de territorialidades existentes antes de sua constituição e do momento atual que é estabelecido o Estado.

Foi com a geografia dos professores assim chamada e batizada pelo importante teórico de geografia francesa Yves Lacoste que teve a função ideológica de contribuir para a naturalização dos fatos sociais, dando suporte a essas concepções aparece a escola que tem como finalidade disseminar as ideologias geográficas fabricadas pelos Estados Nacionais, contrapondo-se a essa idéia surgir o movimento de “renovação” do temário geográfico através da crítica por partes de muitos geógrafos através das praticas e conteúdos explanados em sala de aula.

A contribuição dos professores foi fundamental para o desenvolvimento dessa criticidade apesar de serem batizados de forma muitas vezes duras e radical como reprodutores da ideologias do Estado no início, no entanto, o movimento em direção a Geografia Crítica deu-se através desses instrutores partindo em direção as universidades.

Nessa perspectiva de renovação e ao mesmo tempo da tradição que identificamos em alguns livros e na forma de explanação de seus conteúdos é que buscamos inserir a análise da fronteira no livro didático, a escolha desse tema não foi aleatória partimos da análise do

espaço geográfico de vivência de nós mesmo como da própria realidade de professores e alunos que tem como finalidade e meta entender e compreender o espaço geográfico de vivência de cada um dos atores tendo seu relacionamento entre teoria e prática.

Fundamentação teórica

Ensino e aprendizagem

O processo de ensino e aprendizagem tem como mediação o professor e aluno tendo como objetivo a construção do conhecimento que são partes constituintes do processo do conhecimento. O processo de construção é mútuo, professor e aluno agem ativamente dentro da construção do ensino, o aluno não é um quadro branco, as vivências de suas geografias devem fazer parte constituinte desse processo. Como demonstra Libâneo [1]. É sócio porque compreende a situação de ensino-aprendizagem como uma atividade conjunta, compartilhada, do professor e dos alunos, como relação social entre professor e alunos ante o saber escolar. É construtivista porque o aluno constrói, elabora seus conhecimentos, seus métodos de estudo, sua afetividade, com a ajuda da cultura socialmente elaborada, com ajuda do professor. (1995, p.6)., essa visão leva a uma atitude socioconstrutivista no ensino.

O professor é agente do conhecimento agindo ativamente leva o aluno ao objeto de forma contextualizada. Portanto, o professor não é apenas um transmissor de conhecimento, e nem o aluno é apenas um absorvedor de informações, esse pensamento ocorre na educação reprodutivista ou bancária onde o professor fica no pedestal e o aluno é passivo, não sendo parte constituinte do processo de ensino e aprendizagem.

A análise dos conceitos científicos deve ser repassada aos alunos, a vivência, ou seja, o conhecimento prévio que cada aluno trás dentro de si, são fundamentais para uma análise comparativa e cooperativa de forma crítica dos próprios conceitos estabelecidos pela ciência. É que observa Teresa Cristina Rego ao descrever a Teoria Vygotskyana que parte desses princípios. [2] Em síntese, nessa abordagem, o sujeito produtor de conhecimento não é um mero receptáculo que absorve e contempla o real nem o portador de verdades oriundas de um plano ideal; pelo contrário, é um sujeito ativo que em sua relação com o mundo, com seu objeto de estudo, reconstrói (no seu pensamento) este mundo. O conhecimento envolve sempre um fazer, um atuar do homem. Libâneo, 2002, p. 98.

Para compreendermos os processos de constituição do ensino e aprendizagem é necessário entender o processo interacionista que é parte constituinte do processo de construção do conhecimento. O conhecimento da realidade social é um dos pontos fundamentais nesse sentido, a simbologia é dado construtivista que se estabelece dentro do processo de entendimento da interação homem com o mundo.

O papel da escola é fundamental no processo de estímulo ao aluno, no entendimento da construção dos conceitos básico, por via dessa instituição é que o desenvolvimento do ensino sistematizado ocorre de forma mais freqüente, sendo assim, é parte constituinte da construção do ensino e aprendizado, o conhecimento adquirido na escola deve ser inter-relacionado no processo de construção mútuo.

A metodologia em geografia deve ter como base a junção teoria e prática, é a partir desse processo construtivista que é dada a sua importância para analisar o entendimento do meio, é

nessa concepção que a vivência ganha uma importância junto com os conteúdos institucionalizados. A importância dessas duas categorias e forma de trabalho é dada entre ambas, às relações de reciprocidades é constante na construção dos conceitos ocorre dessa interação.

O ensino no século XXI

O momento do estabelecimento de uma nova educação perpassa pelas necessidades de entendimento do mundo, novas questões como a preocupação ecológica, questão do gênero, conhecimento tradicional são questões que regem o novo paradigma educacional.

A educação bancária, ou seja, o modelo estabelecido ainda no modo de organização de produção baseado no fordismo/taylorismo não servem mais como base de explicação para o entendimento do mundo atual, os modelos reprodutivistas não são críticos e nem criativos, não admitem pela sua própria forma de enrijecimento atuar de forma crítica na explicação de novos problemas.

Na história da geografia esse momento pode ser contextualizado na seguinte forma: quando a disciplina foi sistematizada ela estava ligada ao imperialismo, os países europeus como a Alemanha e a França tinham interesses expansionistas, portanto, a geografia era condicionada pelo interesse dos Estados-maiores a máxima de Lacoste (1988) demonstra que a geografia institucionalizada no Século XIX tinha como caráter os interesses das políticas dos Estados europeus, o processo ideológico ocorre quando ao mesmo tempo é criada a Geografia dos Professores, essa ciência, portanto e sua forma de entendimento prestava-se a uma determinada finalidade.

O movimento de renovação geográfica ocorrido na década de 70 veio atender essa nova demanda de uma classe reprimida e confinada a um modo de produção rígido que chegava ao seu fim, novas demandas tornam-se assim necessárias, a Geografia dos Professores exorcizada[3] Ver Lacoste, 1988. ganha força no movimento de renovação, no Brasil, às obras e textos de autores críticos e sua introdução foi dada pelos professores da rede pública cursinhos, rede particular de ensino que viram que era necessário um novo olhar sobre a realidade social.

Para entendermos, portanto, o conhecimento e suas finalidades e seus objetivos é necessário entender seu contexto histórico para entender as finalidades a que ele se propõe, esses interesses mudam conforme o processo histórico, ou seja, conforme o movimento da própria sociedade que vai direcionar o mesmo as suas novas necessidades.

O ensino atual tem como base os múltiplos saberes, ou seja, não basta reproduzir o saber pelo saber, a contextualização o seu uso não só na vida prática de forma instrumental, o saber vai, além disso, serve como instrumento de crescimento de vivência, a valorização do conhecimento é dada pelo universo pessoal de cada um, cada vez mais o saber ganha importância no mundo atual.

Uma das características fundamentais no período atual que é o meio técnico-científico-informacional e o desenvolvimento da informação atual, desenvolvimento das técnicas e a convergência dos momentos. O ensino ganha relevância fundamental nesse atual processo de configuração do mundo, os países que são competitivos são os que investem em educação.

As novas tecnologias como a nano informática, robótica, biotecnologia, engenharia genética, ciência das humanidades necessitam de um grau elevado de informação, o trânsito entre os vários saberes é outro aspecto fundamental na exigência desse novo paradigma colocado.

Nos dias atuais o que vale mais é o investimento em educação, os países que têm mais sucesso na corrida mundial são aqueles que investem em educação, em outras épocas o tamanho populacional em si era um atrativo para o desenvolvimento das forças produtivas, passa a ser menos importante no período atual, a população com o maior grau de instrução é um dos atrativos para o desenvolvimento de setores mais modernos da economia.

Os investimentos em educação são promissores na economia dos países ditos centrais, no atual momento os países que investirem em educação serão os países de domínio do controle de novas tecnologias avançadas, estarão na vanguarda do desenvolvimento do mundo.

Entendendo o contexto geográfico para o ensino de geografia

Ensinar geografia como qualquer outro ramo do saber é parte constituinte do processo de cidadania e de responsabilidade, compromisso social de quem realmente se propõem a essa atividade, o entendimento da Geografia passa pela sua formação como ciência, como já relatamos a geografia tinha como papel primordial respaldar o imperialismo e ação dos países europeus como a França e Alemanha que tiveram a ciência como um discurso hegemônico para a consolidação dos seus próprios interesses sociais, território e exploração no processo de colonização, esses pontos são fundamentais para entendermos por que a geografia dos professores era um saber despolitizado, essa idéia era trabalhada de forma que essa ciência era composta de um conjunto de dados variados sobre natureza e o homem tendo como finalidade só a informação, o saber mnemônico era relacionado ao saber enciclopédico.

A naturalização das relações sociais foi aprofundada com os paradigmas do determinismo ambiental, possibilismo, método regional, geografia teórica (nesse caso foi levada adiante por essa corrente no século passado em 1950), essas bases serviram como pontos importantes para a naturalização ou mascaramento das relações sociais.

As relações entre homem e natureza foram pontos marcantes dentro da geografia tradicional onde podemos marcar de forma grosseira desde a sua institucionalização no Século XIX até o Método Regional com Richard Hartshorne. As relações entre Homem e Meio aparecem na ordem das preocupações de Ratzel e Lablache o primeiro colocando como fundamento o determinismo da natureza, a teoria ratzeliana foi expressa no entendimento do Espaço Vital, esse era estabelecido pelas condições ambientais nele existentes, ou seja, através dos recursos existentes ele poderia levar uma população avançar ou se contrair-se dentro de suas fronteiras, por sua vez a existência dos Estados estava relacionada, portanto ao solo parte fundamental em que estabelece um território.

Na visão lablachiana o importante era o meio e como se utilizava os recursos, ou seja, a partir do gênero de vida, este era um conjunto de fatores que condicionavam o meio e o homem podendo adaptar-se ou modificar a natureza dependendo do seu grau de desenvolvimento social, essa singularidade dava uma característica particular a cada lugar, essa idéia serviu como base de construção para o conceito de região lugar ou região geográfica.

Hartshorne em seu Método Regional caracteriza a Geografia como ciência dos lugares e não dos homens, caberia a ela identificar a singularidades das áreas o Método Regional teria essa função, a interação dos movimentos dos elementos que constituíram essas unidades, o recorte regional era enfoque da análise espacial, a região não era uma construção concreta como era vista por Lablache sim uma construção intelectual, a ser observada pelo pesquisador que poderia estabelecê-la de acordo com o fenômeno estudado, o mais importante aqui era o método na visão de Hartshorne ou ponto de vista da Geografia, que diferenciava das demais ciências.

Em 1950 um novo entendimento do que vem ser a Geografia se estabelece pelo método da análise espacial, o espaço dos fluxos, localização e planejamento ganha destaque dentro da análise geográfica, essa maneira de compreender os fenômenos sociais demonstra a forma de como o espaço é entendido de forma mecânica, as relações sociais não são privilégio dessa análise. A geografia assim fica estéril da análise social, o espaço é analisado por ele mesmo. A realidade, no entanto, configura-se de outra forma, é através dos movimentos sociais que demonstra-se uma nova geografia.

É a partir de 1970 que começa haver um movimento de modificação dentro da geografia dentro e no contexto da Guerra Fria, Guerra do Vietnã, os movimentos de minorias sociais que desembocam nas décadas de 60/70 a crítica exacerbada a geografia do capital com a geografia teórica, esses movimentos são fundamentais para a eclosão de várias geografias. No Brasil o ápice do movimento ocorrido foi no encontro nacional de geografia promovido pela Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) em Fortaleza em 1978.

A pluralidade do entendimento do que vem ser a Geografia e de como ela é constituída é refletida dentro de várias correntes como a Marxista, Fenomenológica, Humanista, da Concepção, neopositivista. Essas correntes trouxeram um novo vigor ao ensino de geografia. Essas concepções abriram um leque de possibilidade para o entendimento do espaço em diferentes perspectivas, seu desenvolvimento foi fundamental para a análise de (dês) construção espacial de outros atores até então relegados à análise geográfica.

Uma análise da geografia escolar

A institucionalização do ensino oficial, ou seja, formalizado e trabalhado pela escola teve como ponto de partida a alavancada burguesa ocorrida em seu ápice pela Revolução Industrial no Século XVIII na Inglaterra e repassada com o desenvolvimento do modo de produção capitalista pela Europa via processo de Ocidentalização do mundo através da divisão do trabalho que resulta em termos territoriais na divisão territorial do trabalho na especialização e espacialização do mandar e do fazer.

O estabelecimento do novo mundo, esse fato finca as novas conjecturas que estabeleceram a “vida moderna” tendo a escola como centro de concentração do ensino ou seu monopólio, esses fatos são o fortalecimento de um novo mundo, os resquícios feudais são substituídos por novas ordens sociais, políticas, econômicas. Este é o marco do enfraquecimento do poder eclesiástico que tinha a tutela do ensino em suas mãos.

Na caracterização do aparecimento da escola têm-se os ideais cívicos e patrióticos, nacionalista como elementos a serem passados ao educando. As “Escolas Geográficas”

surgem dentro dessa concepção tem identidades relacionadas de acordo com seu país de origem onde são desenvolvidas.

Dentro do ideário nacionalista de formação do Estado Moderno uma das estratégias utilizadas para conter as compulsões sociais ocorre pela popularização do ensino através da escola pública chamada de “escolarização da sociedade”.

A escola aparece com funções “claras” a entrada de grande contingente é parte dessa política de popularização das idéias e de legitimidade do sistema de produção burguês. Para correr o mundo feudal ou os poderes eclesiásticos e feudais era necessário um conjunto de idéias (ideologia na forma da concepção marxista aqui entendida) a escola concentrava essa grande quantidade de pessoas e enquadrava a nova organização social.

O ensino de geografia aparece estabelecido na forma de compêndios que tem como prática escolar o desenho de mapas de países, continentes, estabelecendo uma forma naturalizada dos fatos e os despolitizando como demonstra Lacoste.

“A geografia escolar foi imposta a todos no fim do século XIX e esse modelo continua a serem reproduzidos ainda hoje, quaisquer que possam ter sido os progressos na produção de ideias científicas, encontra-se totalmente alheio de toda a prática”. De todas as disciplinas ensinadas na escola ou no liceu, a geografia é, ainda hoje, a única que surge como um saber sem a mínima aplicação prática fora do sistema de ensino. (...) No entanto, o mestre, o professor, sobretudo dantes, obrigava a “fazer” muitos mapas.

(...) são imagens simbólicas que o aluno deve desenhar por si próprio: dantes era mesmo proibido decalcar, talvez para melhor o apreender. A imagem mágica que deve ser reproduzida pelo aluno é, antes de mais, a da pátria. Outros mapas representavam outros Estados, entidades políticas cujo esquematismo dos caracteres simbólicos vem reforçar ainda mais a ideia de que a nação onde vivemos é um dado intangível (dado por quem?), apresentado como se tratasse não de uma construção histórica, mas de um conjunto espacial engendrado pela natureza. “É sintomático que o termo eminentemente geográfico “país” tenha suplantado, e em todas as matérias, as noções mais políticas de Estado, de nação”. [4] Ver Lacoste, p 38, 1988.

Na concepção geográfica estava o projeto de difundir e legitimar a ideia de Estado-Nação e “sepultar” outras formas de organização sócio-espacial como feudos, cidades-estados entre outras, esse fato estabelece a homogeneização das fronteiras e do Estado Nacional como o único e legítimo na produção de territorialidades excluindo outras territorialidades existentes nessas áreas.

Numa perspectiva regional há demonstrações sobre a forma de como isso é utilizado dentro de uma concepção naturalista sem levar em consideração as territorialidades pré-estabelecidas antes da fundação de nosso país, dando ênfase ao formato territorial e sua localização e coordenadas geográficas.

Numa perspectiva nacional, "o estudo do Brasil deve começar pela área e formato do território, latitude e longitude, fusos horários, etc; deve destacar sua imensa riqueza natural e nunca esquecer de, ao esboçar o mapa, colocar sempre a cidade-capital em seu 'centro geográfico', no 'coração do Brasil'. Dessa forma, sub-repticiamente 'Brasil' passa a significar 'território' e não povo ou sociedade, e governar passa a significar administrar, gerenciar, e nunca fazer política no sentido verdadeiro da palavra" [5] Ver Vesentini, p.11, 2008.

As concepções geográficas estabelecidas pelos compêndios apresentam uma visão ligada ao progresso, etnocêntrica, descritiva relacionada ao modo desenvolvimentista instalado pelos

países centrais. A geografia colonialista instalada ainda pelo processo de colonização do Novo Mundo, Novíssimo Mundo, Asiático e Africano ainda estabelecido pelas sociedades geográficas de reconhecimento e exploração de recursos parecem prevalecer de forma explícita nos livros didáticos.

Foi nesse processo de construção que se estabeleceu a orientação das escolas geográficas, os livros didáticos escritos por grandes geógrafos demonstram a escolha e a preferência pelo temário nacionalista visto muito bem em obras do Geógrafo Francês Vidal de La Blache e em um dos primeiros geógrafos brasileiros que influenciou de forma decisiva a linha de interpretação geográfica no Brasil e grande escritor de livros didáticos em nosso país Aroldo de Azevedo.

Piotr Kropotkin, Elisée Reclus são teóricos importantes dentro da geografia libertária, ou seja, aquela não ligada aos Estados-Nações, no entanto, suas obras não tiveram a mesma repercussão dentro dos meios acadêmicos por não partirem das idéias nacionalista estabelecidos dentro do marco geográfico.

Para muitos o ensino de geográfico em sua análise não contribui para o estabelecimento da Geografia como ciência ou mesmo em sua “modificação”, no entanto as escolas exerceram e exercem sua importância na estruturação do que é e vai ser estudado dentro do ensino de geografia, um exemplo presente foi o movimento de renovação no século passado em 1970 onde escolas, cursinhos tiveram como prática o inserimento de conteúdos políticos, culturais, críticos de forma geral que impulsionou a modificação da geografia brasileira nesse século.

Nessa perspectiva começar surgir uma crise no ensino de geografia não restrita aos livros didáticos, escolas mais até ao ensino universitário, essa explicação é relacionada a nova forma e configurações estabelecidas no espaço geográfico que deixou de ser exclusivamente espaços da Nações, os fatos mnemônicos, a análise estanque e descritiva passou de ser explicativa abrindo a análise agora para a arena (espaço político) onde a internacionalização da territorialidade do capital e transnacional, territorialidades múltiplas são partes constituintes de seu novo formato.

A crise da geografia é relacionada a sua funcionalidade e necessidades que não são as necessidades do mundo atual. Para Vesentini (2008) a geografia atual exerce três funções uma destinada a especialização de profissionais que é estabelecida em ramos do conhecimento geográfico como: climatologia, urbanização, geografia política e outros, temos ainda o ramo do planejamento ligado a instrumentalização do território e as ações dos atores como empresas, Estados e outros. E temos ainda a Geografia Crítica tendo sua análise nas espacialidades sociais relacionando o espaço geográfico através de lutas, contradições, leituras e discursos, politização dos fatos espaciais.

É na escola que entramos a luta antagônica de forças (não desprezando outras arenas de embates) para tanto é fundamental que o professor seja proativo desvinculando-se do tradicionalismo e marasmo impostos por um contexto vivenciado em seu dia-a-dia. Revisando e refazendo, estando atento, analisando, criticando de forma profunda e fundamentada as práticas e ações pedagógicas em que está inserido, tendo o aluno como construtor do conhecimento.

No novo contexto geográfico o professor deve relacionar programas, conteúdos com realidade social dos alunos, as geografias cotidianas fazem parte desses princípios onde o conhecimento do espaço é fundamental no seu entendimento.

O trabalho de temas geográficos são elementos cruciais no ensino de geografia demonstrando a sua criticidade atentando para as relações contraditórias existentes na sociedade e não em fatos estanques separados do seu conjunto, as “geografias regionais” são um bom exemplo disso demonstrando pouco dinamismo e entendimento diante dos fatos relacionados às contradições mundiais passam-se um olhar estanque e naturalizado dos fatos.

Para Vesentini [6] Ver Vesentini, p.20, 1998. referindo-se a questão política ou despolitização da geografia, “abertura democrática” estabelecida no Continente latino americano demonstra a forma de utilização e politização trabalhada da disposição dos conteúdos no livro de geografia.

O estudo do Continente Americano, por exemplo, não tem muita significância se for relacionado a nova ordem mundial, ou seja, as relações geopolíticas, geoeconômicas e culturais estabelecidas no sistema mundo, acreditamos que a mesma situação ocorre no estudo da fronteira brasileira (amazônica especificamente) onde relações bilaterais e de mutualidade apresentam-se de forma dinâmica, por acordos econômicos, políticos e relações internacionais de ordem geral.

Nessa perspectiva ressaltamos as “armadilhas” estabelecidas de outra forma ditas “corporativas”, ou seja, as proximidades ideológicas, o professor que abraça causas “socialistas” ao repassar conteúdos divididos demonstrando uma única visão do assunto, ou seja, os problemas do mundo corrido pelo sistema estatal dando uma abordagem diferenciada a este assunto.

Os fatos demonstrados até aqui são elementos fundadores que ainda permeiam a geografia ensinada na sala de aula, professores ainda permanecem voltados para os conteúdos estabelecidos oficialmente relacionados a geografia dos Estados – Maiores e dos Professores que em suas explicitações naturalizam os fatos geográficos em suas análises, cabe ao professor a análise crítica embasada desses conteúdos nosso sentido de interpretá-los de forma crítica.

A utilização do livro didático

É notório observar a presença do livro didático na constituição do ensino em escolas, essa presença é vista em escolas particulares, publicas no que diz respeito a essas escolas é feita uma verdadeira mobilização tanto em sua impressão, distribuição, escolha, o interesse é grande por parte das editoras em vencer a licitação já que isso trás um grande rendimento econômico a essas empresas.

Um das colocações feitas a respeito do livro didático que são transmissores de informações, tendo a função de repassar os conteúdos geográficos, os “fatos geográficos” são caracterizados dentro de uma harmonia dentro da distribuição dos conteúdos.

Os conteúdos aparecem de forma desconectas, ou seja, não estão relacionados entre si, a fronteira não aparece, por exemplo, como espaço de vivência, o controle é baseado nos

ideários ainda do Estado- Nacional, a “visão dos de fora” a chamada “opinião” publica divulgada pelos grandes meios de “informação” são prevalecidos a realidade são colocadas de forma estanque.

Alguns “manuais” vigentes na escolha das escolas apresentam os conteúdos de forma pouco critica isso é observado no aprofundamento e das discussões dos mesmos colocados apenas de forma descritiva.

A ausência de uma globalidade e totalidade de assuntos é presente na divisão e abordagens dos temas que se enquadram em temas demográficos, urbanos, físicos, astronômicos assim por diante não tendo ligações entre os mesmos.

Na criticidade dos assuntos vários livros didáticos apresentam uma forma acabada do assunto, estabelece-se verdades, ou seja, não discuti-se a questão da formação da região do entendimento do que é a população, esses assuntos tratados pelos manuais são abstrações o que pensar da fronteira nacional? Uma das análises que podiam ser posta e que não é feita por esses manuais é a origem das fronteiras e a formação do seu estabelecimento, essa discussão é fundamental para a compreensão de um espaço fronteiriço no processo de sua constituição.

A historicidade e contexto político e deixado de fora das análises dos livros colocando os fatos de forma mensurável, localizável e determinista isso ocorre na visão da análise dos recursos naturais trabalhos por muitos livros.

Na relação e na análise de alguns fatos são tratados de forma evolucionista como a divisão entre países periféricos e centrais tendo a base a evolução econômica como estágio mais avançado não discuti-se a essência do problema que a produção da mais-valia produtora das desigualdades sociais.

Os dados em vários manuais aparecem de forma localizada representada por mapas tendo não levando na maioria das vezes a dinâmica territorial e sua fluidez.

O Estado é visto por suas ações com neutralidade, numa perspectiva de principal agente territorial tendo uma forma desenvolvimentista, essas ações são estritamente impregnadas a formação da própria Geografia Moderna relacionada às Escolas Nacionais que caracterizavam as geografias de acordo com os países de origem em que se estabeleciam.

Quanto à questão dos levantamentos dos dados são colocados os oficiais, outros relacionais a associações de outras ordens sociais ocupam pequena parte da análise e colocado com cautelas.

Em outra perspectiva nunca se analisam as contradições internas da sociedade moderna ou capitalista (inclusive as do "socialismo real"), com a exploração econômica, a espoliação urbana, a situação problemática da mulher e das minorias étnicas, etc., que na realidade deveriam servir de base para uma abordagem mais profunda daqueles outros problemas.

Para “solução” desses fatos a preparação do professor é fundamental no processo de ensino-aprendizagem na introdução de textos relacionados à realidade social dos alunos, estimulação de debates de forma critica, construção critica e relação entre teoria e pratica são fundamentais.

Material e métodos

O trabalho foi nas escolas Municipal Jociêdes Andrade, Escolas Estaduais Marechal Rondon e Conceição Xavier de Alencar (GM3), nas series do ensino fundamental 7º e 8º ano, a escolha das escolas foi feita de forma aleatória.

No que refere as serieis escolhidas está foram estabelecidas devido aos conteúdos nelas trabalhadas como do 7º ano onde são trabalhados conteúdos de geografia do Brasil, 8º ano onde os conteúdos abordados são Geografia do mundo subdesenvolvido.

A pesquisa foi feita entre alunos e professores sobre praticas, conhecimentos e métodos utilizados e o estudo e concepções trabalhados em sala de aula e vivência espacial de alunos e professores tendo a tríplice fronteira como contexto, foram aplicados questionários fechados no total de quatro sendo distribuídos aleatoriamente, entre professores no total de quatro e alunos 28 questionários.

Na análise dos conteúdos tivemos algumas políticas norteadores trabalhados em sala de aula, a concepção de fronteira, formas do entendimento do que é a fronteira como espaço de vivencia, perspectiva de análise da fronteira.

O primeiro ponto ocorreu na busca dos livros didáticos, foi dada preferência aos livros utilizados na rede pública do município como também livros de apoios e paradidáticos, questionários foram aplicados na identificação do que professores e alunos entendem por fronteira e sua formação, o terceiro ponto identificar a formação e a linha de corrente geográfica de qual o autor do livro trabalha, o quarto momento foi o relacionamento da formação concepção de fronteira dentro do entendimento das Ideologias Geográficas, e dos professores e alunos como é trabalhado essa concepção em sala de aula e como é entendida.

Na perspectiva de professores e alunos a concepção de construção espacial e idéias que permeiam esses espaços se fazem presente em seu dia-a-dia é fundamental para o entendimento tendo como ponto de análise e critica o próprio espaço de vivência.

Resultados e discussões

Área de localização da triplíce fronteira (Peru, Colômbia, Brasil)

Os temas relacionados à fronteira são abordados na seguinte forma conforme acima mencionado: Fronteira (tema preponderante na citação dos livros didáticos) e seu estabelecimento político, relacionando esse espaço geográfico à parte constituinte do território nacional, tendo uma perspectiva estatal e territorial estabelecida na visão de integração territorial, ou seja, parte componente do território nacional.

Limite: linha imaginária tendo como ponto de encontro marcos territoriais que estabelecem áreas territoriais de cada unidade administrativa: país(em nosso caso da análise) estados, municípios, distritos, comunidades e outros.

Figura 01.
Rea de localização tríplice fronteira (Peru, Colômbia, Brasil)



FONTE: www.wikipedia.com.

Localização da área de estudo

Figura 02,03,04,05
Escolas Estaduais e Municipal de Tabatinga

E.E.C.Xavier De A.



E.E.M.R

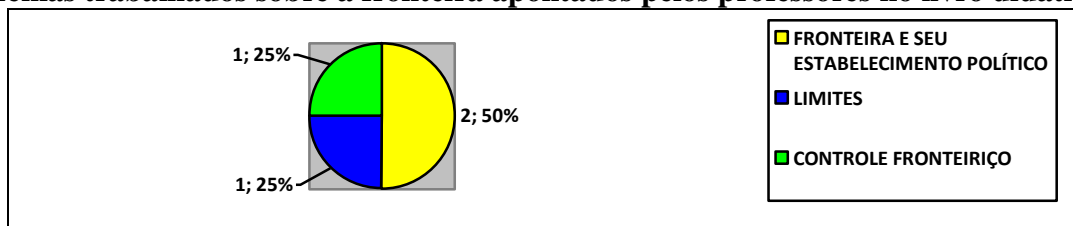


E.M.J.A



Fonte: Google Earth e Jader de oliveira

Figura 02.
Temas trabalhados sobre a fronteira apontados pelos professores no livro didático



Fonte: Jader de Oliveira.

Outro tema com a mesma proporção dos limites apresentados pelos professores foi o tema controle fronteiriço. Este tema trabalhado em relação ao controle visto de pessoas, saída estabelecida e concebida pelo Estado Nacional, os acordos bilaterais ou outras formulações como acordos econômicos, políticos que facilitam o trânsito na fronteira de pessoas não falada.

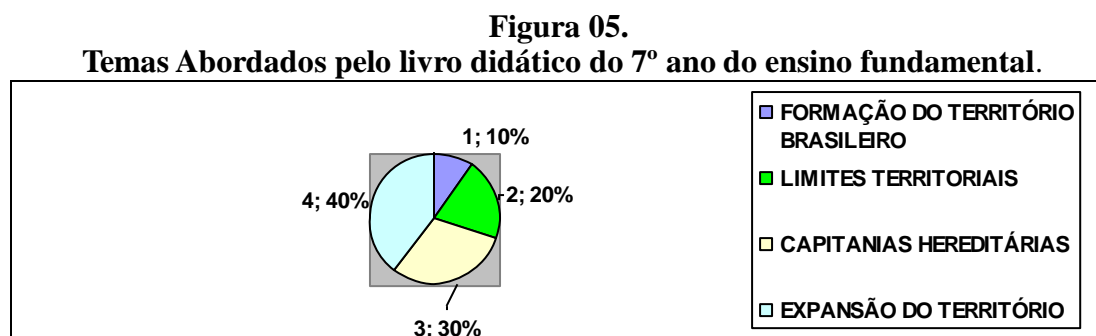
Utilização de outros livros pelos professores em sala de aula

Foi observado que os professores utilizam outros livros didáticos, esse fato é relacionado a complementação do assunto que não é abordado de forma clara, detalhada, tendo os conteúdos de forma reduzida, os livros são dos próprios professores, foi observado também que alguns livros didáticos seguem uma linha geográfica diferenciada, ou seja, partindo de uma corrente oposta do livro adotado em sala de aula e utilizado na escola.

Os livros paradidáticos que especializam em vários assuntos e servem como complemento não são utilizados pelo fato de não terem relacionamento com o tema na visão dos professores, entretanto, uma consulta na biblioteca analisamos a presença desses manuais, foi detectado através da disposição de temas relacionados a conflitos políticos e étnicos, por exemplo, que podem ser trabalhado na perspectiva da fronteira.

Outros recursos utilizados poderiam ser relacionados a revistas e jornais onde são fontes importantes de consultas atuais e confrontos com os livros didáticos podendo ser muito rico a utilização do tratamento a respeito de questões relacionados à fronteira.

Temas abordados pelo livro didático do 7º ano do ensino fundamental



Fonte: Jader de Oliveira.

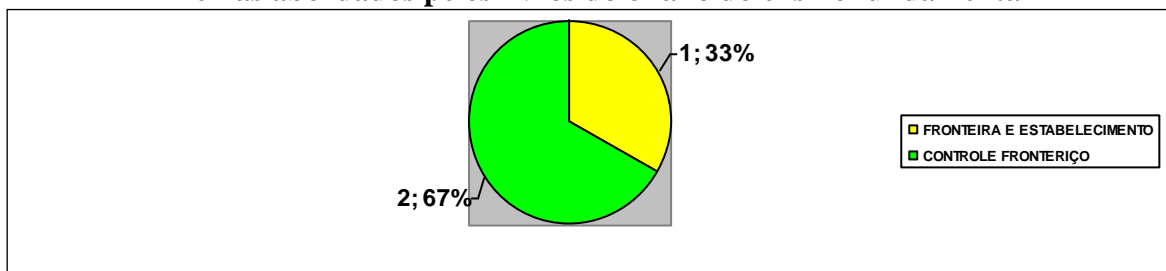
O livro analisado é do 7º ano do Projeto Araribá, organizado pela Editora Moderna de autoria de Sonia Cunha de Souza Danelli.

É percebido que os temas estão inter-relacionados com o tema da zona de fronteira numa perspectiva da formação do território brasileiro baseado no processo de colonização e incorporação de terras, demonstra-se a evolução dos limites diante do “crescimento territorial” através da expansão e adentramento do território.

Observa-se uma visão positivista do fato, ou seja, estabelecendo uma comparação entre a ação colonizadora e republicana com o progresso do território através de um viés evolucionista e pouco contextualizado, sendo uma visão da ação do processo de colonização no primeiro sentido e depois continuado pelo processo do Estado-brasileiro.

Temas abordados pelo livro didático do 8º ano do ensino fundamental

Figura 06
Temas abordados pelos livros do 8º ano do ensino fundamental



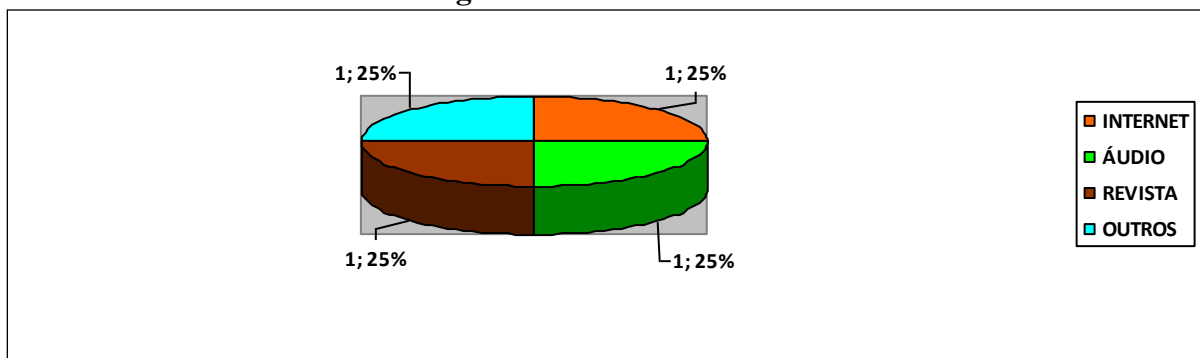
Fonte: Jader de Oliveira.

Livro do 8º Ano, Geografia Crítica autores José William Vesentini e Vânia Vlach. Editora Ática

O livro analisa a constituição da fronteira do México e Estados Unidos demonstrando a ação política dos Estados Unidos através de guerras, compras e incorporações, demonstra o México foi o grande perdedor territorial em detrimento do crescimento e dos planos hegemônicos dos Estados Unidos. Uma leitura crítica é feita do processo do aumento e da grande extensão territorial norte-americana em detrimento acima de tudo dos mexicanos, os atores tem uma formação no ensino de geografia dentro da linha da geografia crítica ocorrida em 1970. Vesentini é um dos grandes inovadores de uma nova forma de abordagem nos livros didáticos.

Metodologias trabalhadas em sala de aula

Figura 07.
Metodologias trabalhadas em sala de aula



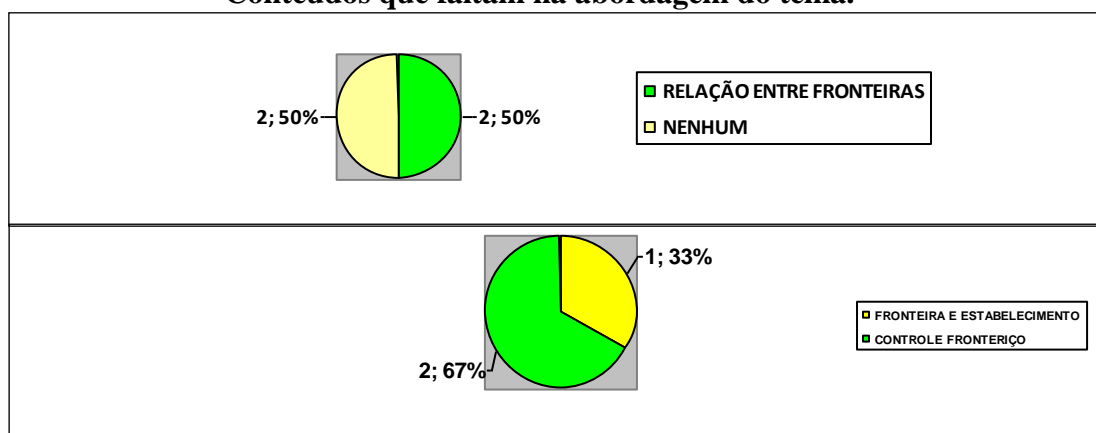
Fonte: Jader de Oliveira.

Nas metodologias utilizadas podemos verificar uma proporção, ou seja, um equilíbrio entre metodologias utilizadas para a exploração do tema além do livro didático. A internet é um importante recurso uma fonte importante de informação utilizada pelos professores, tendo uma diversificação de sites sendo buscados como: jornais, revistas, yootobee, dowlowds em geral. O áudio é um dos elementos esclarecedores para alguns professores tendo a importância de aprofundamento do assunto ensinado. Revistas têm a função de “mostrar” os temas que constituem as fronteiras, é importante atentarmos nesse caso sobre temas relacionados à visão de quem está fora da fronteira.

Conteúdos que faltam na abordagem do tema

Um dos temas observados que faltam para abordagem da fronteira é as relações fronteiriças abordadas, a aproximação com países limítrofes é parte dessa necessidade, como a vivência do outro lado da fronteira, experiências e sensações e eventos em geral são partes que constituem o espaço de vivencia de cada um de nós, nenhum tema relacionado à fronteira foi apontado pela outra metade dos entrevistados, fica então entendido que os professores repassam somente os conteúdos do livro didático por alguns motivos, falta de tempo na preparação da aula, pouco estímulo devido acima de tudo as questões salariais, desinteresse do próprio professor em sala de aula, grande quantidade de turmas onde o professor também pode lecionar inúmeras outras disciplinas não sendo somente a geografia.

Figura 08.
Conteúdos que faltam na abordagem do tema.



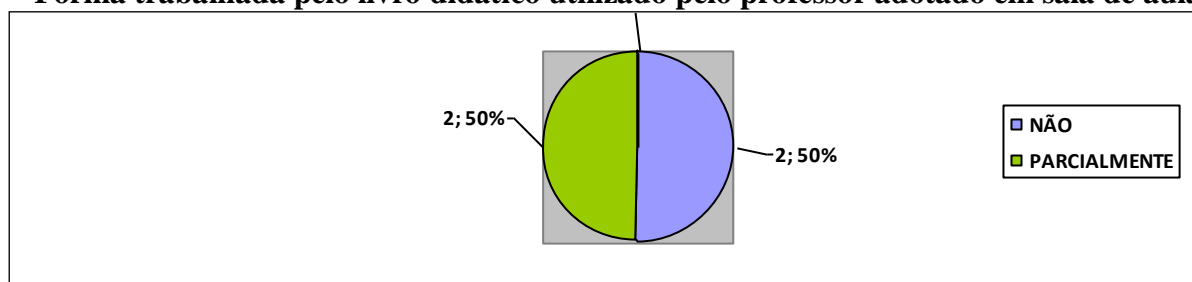
Fonte: Jader de Oliveira.

Forma trabalhada pelo livro didático utilizado pelo professor adotado em sala de aula

Para metade dos entrevistados o livro não trabalha de forma adequado a questão da fronteira, para os demais os conteúdos são trabalhados de forma parcialmente, uma das questões observadas é questão de realidade da região. A fronteira é trabalhada de forma homogênea não respeitando suas singularidades como: formação, relação, política entre outros que são fundamentais para o entendimento de sua compreensão.

Figura 09.

Forma trabalhada pelo livro didático utilizado pelo professor adotado em sala de aula



Fonte: Jader de Oliveira.

A fronteira sob a fundamentação teórica

Foi observado que a fronteira é trabalhada sobre a perspectiva nacional quanto relatada pelos professores, colocando as seguintes formas choque de interesses, área de ações diplomáticas e militares essa concepção é existente em caso da fronteira amazônica, porém no sul do país a dinâmica da fronteira é outra, ou seja, aproximação com a vizinha e abertura com o Mercado Comum do Sul “desburocratizou” a fronteira no âmbito militar e dos entraves diplomáticos, no entanto, na Amazônia em alguns pontos da fronteira existe um esforço de aproximação como países limítrofes essa conjunta para a eliminação do tráfico, de qualquer tipo de ilegalidade e aproximação econômica entre os países amazônicos, portanto, existem políticas pontuais dentro da própria fronteira.

Formas de trabalhar a fronteira pelos professores

A forma trabalhada em sala de aula é teórica contextualizada, ou seja, aquela em que é pego o exemplo do dia-a-dia a vivência, as relações, problemas enfrentados nesse espaço geográfico, não foi percebido a prática de trabalho de campo que é muito valioso já que estamos numa zona de fronteira, esse fato pode ser relacionado às grandes quantidades de turmas que o professor tem para ministrar a disciplina tornando o trabalho de campo inviável no deslocamento dos alunos e de diferentes turnos, outro ponto, é exploração do próprio espaço geográfico com a teórica que exige do professor uma prévia preparação de roteiros e temas a serem abordados por ele no trabalho de campo.

As três concepções de fronteira

Temos as três concepções de fronteira elaborada por Nogueira (2007) onde tem como divisão as três formas de espacialidade geográfica. A fronteira percebida relacionada ao espaço do cotidiano, do uso, do dia-a-dia, esse tipo de concepção foi definida pela maioria dos professores, isso ocorre pelo espaço de vivência do cotidiano em que todos estão inseridos, podendo trazer ganhos substanciais nas análises em sala de aula tendo como correlacionamento o ponto de vista dos alunos e suas vivências.

A fronteira controlada foi apontada pelos professores como um espaço feito por práticas militares, alfandegárias entre os três países onde varias medidas tomadas por um dos lados pode trazer uma grande repercussão em seu conjunto.

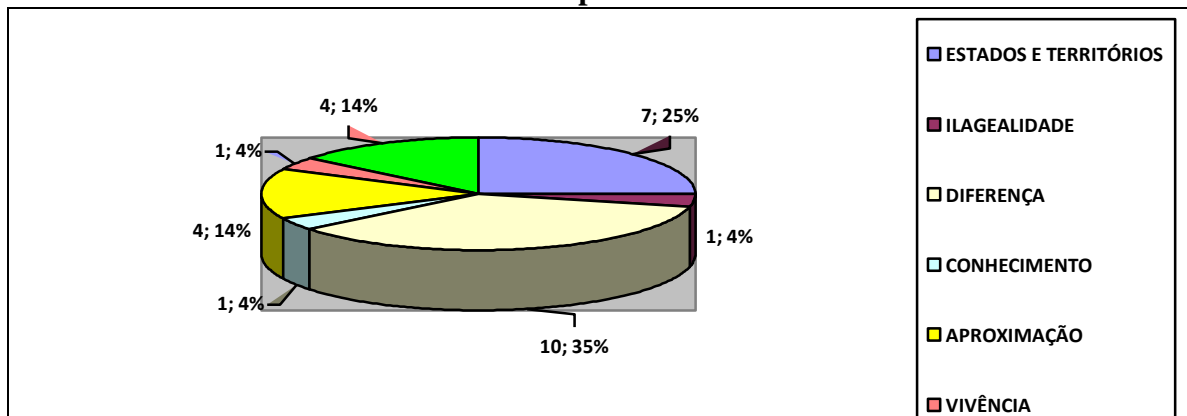
A percebida é outro tema levantado pelos professores onde a mídia ou “de fora” estabelecem a imagem daquele lugar, essa análise é fundamental por que demonstra a pressão da “opinião pública” a respeito de como percebe a fronteira e que medidas devem ser tomadas.

É importante que o professor observe que as três formas de fronteira estão interligados dentro de um único contexto, momentos prevalecendo uma ou outra dependendo das ações e pressões preponderantes existentes nesses lugares.

A fronteira para os alunos

É muito rica a análise da fronteira feita pelos alunos, dando ênfase a vários aspectos do cotidiano, percebendo que as ações de controle e políticas territoriais voltadas para essas áreas, estes temas podem ser trabalhados de maneira critica e complementar referente ao tema.

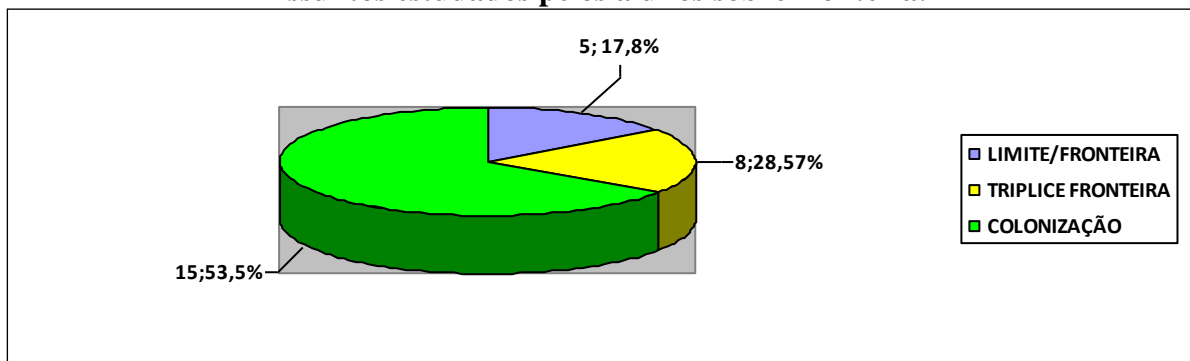
Figura 12.
Fronteira para os alunos.



Fonte: Jader de Oliveira.

Assuntos estudados pelos alunos sobre fronteira

Figura 13
Assuntos estudados pelos alunos sobre fronteira.



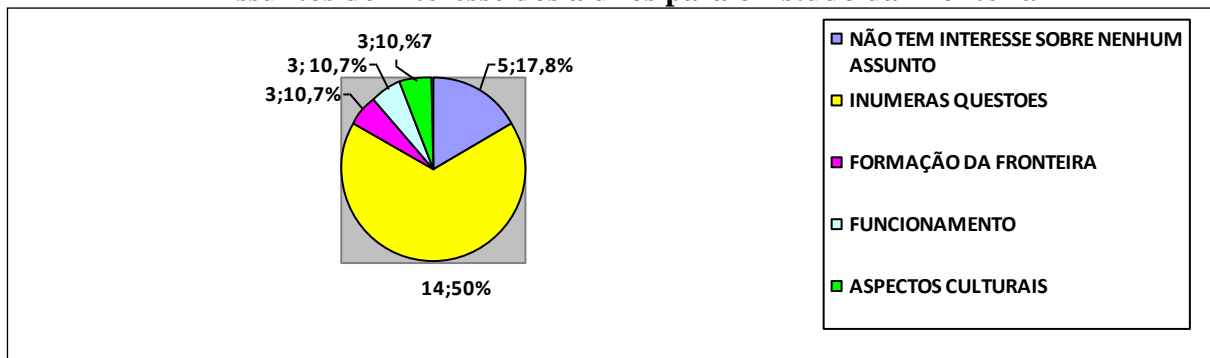
Fonte: Jader de Oliveira.

O assunto dos livros didáticos relacionados a temas a concepção de limite e fronteira preponderaram nas aulas como temas estudados a questão de fronteira acima de tudo numa perspectiva nacionalista a respeito do limite e da própria concepção do espaço transfronteiriço, o espaço de vivência também foi abordado como os alunos algo importante como notamos, podendo ser bastante útil para trabalhar essa temática já que existiu um espaço rico de vivência dos alunos, o processo de colonização é fundamental para trabalhar-se a tolerância étnica e aproximação territorial dos laços subjetivos entre as diferentes nacionalidades que se encontram na floresta e que são partes componentes desse espaço geográfico.

Assuntos de interesses dos alunos para o estudo da fronteira

O tema fronteira pode suscitar inúmeros debates como pode abrir debates para inúmeros temas como: migração, tolerância étnica, reciprocidade, relações econômicas, política, desenvolvimento integrado, atuação do Estado Nacional, Relações Internacionais, Controle, Atuação das Forças Armadas, tráficos, relações sociais dentre outros que podem e devem fazer parte do repertório dessa temática aproveitando o espaço de localização em que vivemos isso foi demonstrada pelos alunos de explorar ainda esse espaço geográfico de inúmeras possibilidades.

Figura 14.
Assuntos de Interesse dos alunos para o Estudo da Fronteira



Fonte: Jader de Oliveira.

Considerações finais

O livro didático é uma das ferramentas a ser utilizado em sala de aula, portanto, deve fazer parte da metodologia para o desenvolvimento de qualquer conhecimento, para melhorar a utilização do recurso é necessário o empenho e planejamento dos professores em sala de aula no desenvolvimento dos assuntos a serem ministrados.

A utilização de livros paralelos que contrataram a realidade colocada pelo livro utilizada demonstrando outros pontos de vistas e formas a serem trabalhadas, o trabalho de campo é fundamental para concretizar qualquer tipo de conceito, a fronteira em nosso caso do estudo pode ser trabalhada de forma integrada do ponto de vista teórico e prático para o entendimento dos alunos chegarem a suas próprias conclusões a respeito do que e falado desse espaço.

Fica claro em nossa análise a percepção do espaço geográfico dos alunos, ou seja, a fronteira dando diferentes conotações, fazendo inúmeras observações, esses dados são importantes na utilização em sala de aula, isso faz os alunos interagirem em sala de aula, são realidades vividas e próximas e percebidas dos alunos o que estimula ao debate e reflexão e construção do conhecimento.

Existe um leque de temas que deve ser trabalhado de forma conjunta partindo do princípio de análise da fronteira como: migração, econômica, política, movimentos sociais, cultura, relações diplomáticas entre outros que podem e devem ser explorados de forma conjunta tendo em vista o espaço geográfico de vivência dos alunos o que torna os conteúdos muito interessantes e contextualizados.

Notas

[1]. É sócio porque compreende a situação de ensino-aprendizagem como uma atividade conjunta, compartilhada, do professor e dos alunos, como relação social entre professor e alunos ante o saber escolar. É construtivista porque o aluno constrói, elabora seus conhecimentos, seus métodos de estudo, sua afetividade, com a ajuda da cultura socialmente elaborada, com ajuda do professor. (1995, p.6).

[2] Em síntese, nessa abordagem, o sujeito produtor de conhecimento não é um mero receptáculo que absorve e contempla o real nem o portador de verdades oriundas de um plano ideal; pelo contrário, é um sujeito ativo que em sua relação com o mundo, com seu objeto de estudo, reconstrói (no seu pensamento) este mundo. O conhecimento envolve sempre um fazer, um atuar do homem. Libâneo, 2002, p. 98.

[3] Ver Lacoste, 1988.

[4] Ver Lacoste, p 38, 1988.

[5] Ver Vesentini, p.11, 2008.

[6] Ver Vesentini, p.20, 1998.

Referências

LACOSTE, Y. S *Geografia Serve, Antes de Mais Nada, para Fazer a Guerra*. Lisboa: Iniciativas Editoriais, 1988.

LIBÂNEO, José C. *Fundamentos teóricos e práticos do trabalho docente – estudo introdutório sobre pedagogia e didática*, tese de doutorado. São Paulo: PUC-SP, 1990.

MORAES, Antônio Carlos Robert. *Geografia: Pequena História Crítica*. 2ª ed., São Paulo: Hucitec, 1983.

NOGUEIRA, Ricardo José Batista. *Amazonas: A divisão da “monstruosidade geográfica”*. Tese de Doutorado. USP. 2007

REGO, Teresa Cristina. *Vygotsky, uma perspectiva histórico-cultural da educação*. Petrópolis: Vozes, 1994.

VESENTINI, J. W. *Para uma Geografia Crítica na Escola*. São Paulo: Editora do Autor, 2008.

SENE, Eustáquio de. *Globalização espaço geográfico*. São Paulo: Contexto, 2003.

